

A SAGA DE UMA HEROÍNA NO PAÍS DO CARNAVAL: por uma análise da identidade nacional em *Teresa Batista cansada de guerra*¹

Taise Teles Santana de Macedo²

Resumo: pretende-se, neste trabalho, problematizar a questão da identidade nacional na obra de Jorge Amado. Publicada em 1972, *Teresa Batista cansada de guerra* narra a história de uma mulata que ao longo da sua trajetória de vida percorreu o sertão da Bahia e de Sergipe, além das capitais destes dois estados. Ao trazer a imagem da mulher guerreira, Jorge Amado rediscute a formação do povo brasileiro, sendo Teresa Batista o ideal de mulher brasileira. Portanto, este romance tal como as outras obras literárias amadianas, discutem questões ligadas à nação, à língua e a cultura nacional que abarcam aspectos heterogêneos compostos por diversos matizes sociais, raciais e religiosas.

Palavras-chave: Identidade nacional; Jorge Amado; Povo brasileiro.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A obra de Jorge Amado foi por muito tempo tida como uma literatura menor diante dos outros autores brasileiros. Permanecendo fora dos estudos das universidades e do cânone, o escritor baiano não conseguiu angariar espaço perante à crítica literária. Segundo um dos seus críticos mais ferrenhos, Alfredo Bosi (1990), a linguagem dos romances amadianos apresentam-se sob a forma chula, precária e de um mau gosto que ia de encontro com os grandes escritores da literatura brasileira que produziam no mesmo momento que o escritor baiano.

¹ Artigo desenvolvido durante a disciplina *Cânones da Literatura Brasileira*, ministrada pela Profa. Dra. Elvya Shirley Ribeiro Pereira.

² Graduada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Graduada em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). cursando atualmente Especialização em Estudos Literários na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: taiseteles@yahoo.com.br



Ao leitor curioso e glutão a: pieguice e volúpia em vez de paixão, estereótipos em vez de sua obra tem dado de tudo um pouco trato orgânico dos conflitos sociais, pitoresco em vez de captação estética do meio, tipos “folclóricos” em vez de pessoas, descuido formal e pretexto de oralidade... Além do uso às vezes motivado do calão: o que é, na cabeça do intelectual burguês, a imagem do *eros* do povo. O populismo literário deu uma mistura de equívocos, e o maior deles será por certo o de passar por arte revolucionária. (BOSI, 1990, p. 459).

Em 1972, com a publicação de *Teresa Batista cansada de guerra* a crítica Walnice Galvão (1976) apresenta a mesma concepção de Bosi (1990) em um contexto diferente, salientando que a literatura amadiana ainda traz um tom machista apesar de parecer progressista e liberal com relação às personagens femininas, principalmente com as prostitutas.

A proeza de Jorge Amado, agora, reúne e reforça achados de seus livros anteriores. A prostituta que simpaticamente vagueia por todos eles se torna personagem principal e título, o alegre erotismo cruza a linha da perversão, a mitologia baiana é reiterada, o discurso indireto livre espertamente manipulado. [...]. (GALVÃO, 1976, p. 21).

Esquecendo-se que a produção de Jorge Amado traz um tom mais realista diante da vida de prostitutas, moleques, vadios, estivadores e tantos outros grupos sociais que compõem o cenário da Bahia, de seu Recôncavo e do Sul Galvão (1976) e Bosi (1990) não levantaram tais questões sobre as obras jorgeamadianas. As estéticas formal e lingüística que perpassam pelo texto amadiano refletem a constituição dos personagens que, oriundos do povo, são representados na literatura bem próximos da realidade com uma transparência de linguagens e uma mímese da fala. Assim como *Capitães da Areia* que retrata a vivência de menores abandonados no cais de Salvador, Teresa Batista retrata a condição de muitas mulheres sertanejas que ao longo de suas trajetórias conviveram com a servidão, com a exploração sexual, com trabalhos forçados sem nenhuma remuneração.

Segundo Jorge Araujo (2003), muitas análises inadequadas foram realizadas pela crítica brasileira quanto aos romances de Jorge Amado. Depreciado como repetitivo, machista ou idealizador neo-romântico o escritor baiano deixou muitas vezes de ser estudado nas universidades por tais acusações equivocadas.

Ficando à margem do cânone por alguns anos, Jorge Amado dissolve fronteiras convencionais, enlaçando fantasia e realidade num jogo em que toda história serve como pano de fundo para a criação artística do autor. Há ainda uma reformulação de certos elementos de estéticas brasileiras do Romantismo, Realismo, Naturalismo que

confluem em seus romances a partir de *Gabriela, cravo e canela* publicado em 1958. Beleza, sensualidade, idealização e liberdade se fundiram na constituição de mulheres como, por exemplo, Teresa Batista, Dona Flor, Tieta, dentre outras.

Contrariando alguns estudos apressados sobre a produção de Jorge Amado, verifica-se como seus romances tiveram uma boa aceitação em âmbito internacional, com inúmeras traduções. Com um forte apelo popular, esses textos literários também foram adaptados para o cinema e para a telenovela brasileira. Assim, a recepção das obras de Jorge Amado facilitou um maior reconhecimento do escritor, estabelecendo uma leitura mais ampla de suas obras, além de uma amplitude do campo visual para a expansão da civilização brasileira no exterior.

Nosso objeto de estudo será o romance *Teresa Batista cansada de guerra*. Ao trazer a representação da mulher como prostituta que intitula o romance, o escritor baiano demonstrou que as mulheres também são atores ou sujeitos agentes da sua própria história. Em um jogo de negociação e de conflito, Teresa Batista caracterizada como guerreira, valente e brava associa-se ao grupo de cangaceiras, por exemplo, que adentraram ao bando de Lampião.

Dessa maneira, Jorge Amado traz nesse romance elementos que corroboram sua visão de Brasil; um Brasil em sua grande maioria mestiço que resguarda um perfil de nação já delineado pelo sociólogo Gilberto Freyre, ao considerar a mestiçagem como uma das marcas centrais da formação do povo brasileiro.

Assim, ao se discutir a identidade nacional em Jorge Amado, deve-se levar em consideração: a) de que classes ou grupos sociais seus personagens procedem; b) como os personagens são postos em cena durante o desenrolar dos fatos; c) qual ideologia pode-se destacar da obra; d) como a linguagem é encenada nos romances; e) qual o contexto em que as obras foram produzidas, dentre outros. Novos temas, sentimentos e personagens traduzem uma apreensão de um instinto de nacionalidade que os romances amadianos produzem.

A identidade em Jorge Amado não é algo homogêneo ou fixo; ela está em constante movimento. Teresa Batista, por exemplo, é sambista, professora, prostituta. Não há uma identidade imutável, mas sim uma flexibilidade de funções que dependem do contexto da personagem. Ainda que ela represente um tipo de ideal de mulher brasileira, a mulata encarna outros papéis sociais dentro de momentos distintos.

Ao problematizar o conceito de nação, Benedict Anderson (1989, p. 14) admite que “nação é uma comunidade política imaginada- e imaginada como implicitamente

limitada e soberana”. É imaginada porque os membros dessa nação nunca conhecerão ou tomarão conhecimento dos seus compatriotas, mas imaginam que vivem em uma comunhão. Já o limitada vem da aceção de limite de uma nação, ou seja, a sua finitude. O conceito de soberana restringe-se ao contexto em que o termo nação foi cunhado durante o Iluminismo e a Revolução Francesa. Em contrapartida, a comunidade que aparece no conceito de nação proposto por Anderson (1989) refere-se à fraternidade coletiva que se considera numa nação; um companheirismo profundo que mascara as desigualdades e exploração dentro da nação.

Nessa linha investigativa, Elvya Pereira (2002) aborda as questões ideológicas na formação do povo brasileira no romance *Tocaia Grande*, publicado em 1984. Remontando ao projeto “fundacional” das origens do território e da constituição da nação românticas, Pereira (2002) salienta como tal projeto esquematiza as noções de espaço, tempo, povo, cultura numa narrativa histórica que busca as injunções e tensões dentro desse processo histórico.

Portanto, para trilhar os caminhos da identidade nacional propostos por Jorge Amado em *Teresa Batista cansada de guerra*, vamos elencar os conceitos de nação em alguns estudiosos e como estas aceções se revelam no texto amadiano.

2 RAÍZES CULTURAIS NA FORMAÇÃO DO POVO EM JORGE AMADO

O tema da cultura brasileira e da identidade nacional foi e é ainda muito debatido no Brasil. Devido a sua formação histórica composta pela mistura de três grupos- indígena, africano e português- a busca por explicações sobre a constituição do povo brasileiro é marcante.

Na literatura baiana, Jorge Amado destaca-se entre os romancistas que mais problematizou as questões sobre a identidade nacional. Com uma variedade de textos literários, o escritor abordou enfaticamente o conjunto das teorias raciais do século XIX em *Tenda dos Milagres*. Publicado em 1969, este livro tem como personagem central Pedro Archanjo, um ojuobá, bedel da Faculdade de Medicina da Bahia, cujo sonho era ser reconhecido pelos seus escritos sobre a culinária baiana. Exaltando a Bahia através do reconhecimento da participação dos africanos na cultura baiana nacional, Archanjo

tinha como antagonista um catedrático racista da faculdade, Nilo Argolo, que desconsiderava as influências negras na cultura baiana.

Com a publicação em 1972 de *Teresa Batista cansada de guerra*, o escritor baiano está em outro contexto político brasileiro: a ditadura militar. Trazendo uma personagem feminina violentada de todas as formas possíveis, tanto fisicamente pelo tio e pelo capitão Justiniano Duarte da Rosa, quanto psicologicamente, sendo impossibilitada pelos ditames sócio-culturais de ter filhos devido à errância pelo Nordeste, Teresa Batista é elevada à condição de mulher que agrega o ideal de povo dentro das concepções ideológicas do escritor baiano. Povo esse que não desiste diante das adversidades, vence os obstáculos, luta diariamente pela sobrevivência no Nordeste.

Ao evocar imagens de mulheres guerreiras universais, não apenas sertanejas, Jorge Amado se aproxima da tradição da donzela-guerreira já analisada por Walnice Galvão (1981). Segundo esta crítica literária, a donzela-guerreira foi cantada pela literatura, pela música, pela história das civilizações antigas. Abdicando de viver uma feminilidade natural, a donzela-guerreira órfã de pai evoca para si a liderança da família e vai em busca de seus ideais. Geralmente aperta os seios, se traça com vestes masculinos, corta os cabelos, escondendo seus traços femininos para não ser descoberta.

Na historiografia, muitas mulheres foram consideradas como donzelas-guerreiras: Joana D'Arc, Jovita Alves, Palas Atenas, Maria Quitéria, as cangaceiras principais Maria Bonita e Dadá, dentre outras. Na literatura, temos personagens como Diadorim, Luzia-Homem, Dona Guidinha do Poço, só para citar as mais lembradas.

Teresa Batista agrega características que perfazem o ideal de mulher brasileira, principalmente a beleza e a sensualidade que se destacam na performance desta heroína. Lutando pela sobrevivência diária, Teresa travava uma batalha com a própria vida rústica e inóspita do sertão nordestino. Suas andanças criavam no imaginário popular a crença de que Teresa era uma mulher de “corpo fechado”, “boa de briga”, dentre outras representações.

A voz que confirma a superioridade de Teresa em relação aos outros indivíduos é a do narrador. Destacado em itálico, Jorge Amado traz um narrador oriundo dos grupos populares que representam pessoas da realidade empírica da convivência direta do escritor baiano, tais como: Cuíca de Santo Amaro, Mãe Menininha, poetas e romanceiros das feiras livres do Nordeste. Logo no início do romance, há um destaque para a vida nômade da heroína:

Tereza carregou fardo penoso, poucos machos agüentariam com o peso; ela agüentou e foi em frente, ninguém a viu se queixando, pedindo piedade, se houve quem- rara vez- a ajudasse, assim agiu por dever de amizade, jamais por frouxidão da moça atrevida; onde estivesse afugentava a tristeza. Da desgraça fez pouco caso, meu irmão, para Tereza só a alegria tinha valor. Quer saber se Tereza era de ferro, de aço blindado o coração? Pela cor da formosa pele, era de cobre, não de ferro; o coração de manteiga, melhor dizendo de mel; o doutor dono da usina- e quem melhor a conheceu?- dois nomes lhe ofereceu, por nenhum outro a solicitando; Tereza Mel de Engenho e Tereza Favo-de-Mel. Foi toda a herança que lhe deixou. (AMADO, 1978, p. 14).

O nomadismo de Teresa foi um dos artifícios utilizados por Jorge Amado para retratar o cotidiano dos sertanejos. Abandonando o sertão quando das secas, Teresa se direciona à capital em busca de outras oportunidades de vida. Em *Luzia-Homem*, Domingos Olímpio faz o mesmo ao mostrar a saída dos cearenses do interior de Sobral rumo à cidade. Esse caráter marcante de errância será um referencial relevante para a construção da imagem do Nordeste.

Dentro do Brasil, vários discursos criados sobre a região nordestina procederam da literatura. Em Jorge Amado, este discurso aparece imbuído de um caráter mais nacional, uma vez que a identidade dos brasileiros se constituiria principalmente por uma consciência nacional-popular. É a partir das manifestações populares que a nação se fortalecia, afirmando os valores culturais e simbólicos na construção da sociedade brasileira.

Esse instinto de nacionalidade busca as raízes, o folclore, os modos de ser e de se comportar do povo. Conforme Renato Ortiz (1986), várias foram as concepções do povo ao longo da história do país. Para Sílvio Romero no século XIX, o conceito estava ligado ao da mistura racial, ou seja, o brasileiro apresentado como mestiço. Retomando estas considerações, Gilberto Freyre em 1930 admite que o caráter mestiço é o cerne do povo brasileiro. A partir daí, o brasileiro será visto como um povo sincrético que reúne as três raças e culturas distintas. Assim, identidade nacional e cultura popular se associam numa relação que busca redefinir a problemática brasileira da formação do Estado em contraposição ao colonialismo.

Em Jorge Amado, a cor local do território baiano traz a imagem de uma região que ainda não perdeu os laços com o passado colonial. Apesar de uma pretensa modernização da cidade, Salvador e, em linhas gerais, o Nordeste, mantêm elos com o tradicional dos tempos em que ainda o patriarcalismo, os engenhos e a grande propriedade eram vigentes.

Segundo Roberto Schwarz (1987), há várias interpretações acerca do caráter nacional do Brasil. Buscando afastar a imitação da vida cultural dos brasileiros ao

ênfatizar o que era nativo, alguns intelectuais de esquerda propuseram uma interpretação da cultura popular que colocava os elementos estrangeiros como corpos estranhos. Subtraindo o influxo europeu, os nacionalistas mais extremados asseguravam que qualquer contribuição externa não era válida.

Apesar de se filiar ao ideário esquerdista no início da carreira, Jorge Amado foi, aos poucos, diluindo essa visão marxista em seus textos literários. Em *Teresa Batista*, ainda há marcas desse caráter nacionalista e patriota, sem entretanto, menosprezar as contribuições estrangeiras. O popular é um construto que abarca pontos de interseção entre as várias manifestações culturais como, por exemplo, a presença das influências africanas através dos orixás e da literatura de cordel que, oriunda da Península Ibérica, se enraizou no Nordeste brasileiro desde os primeiros momentos da colonização portuguesa.

No terreiro de Agnelo, em Muricapeba, Omolu teve festa e dançou no meio do povo no ritmo de opanigé. Dançou primeiro Ajexe, empestado Omolu, morrendo e renascendo na bexiga, na mão o xaxará, coberto com o filá o rosto em pústulas; depois dançou Jagum, Obaluaiê guerreiro, o filá e o azê de cor marrom como a bexiga negra; por fim juntos dançaram e o povo saudou o Velho erguendo a mão e repetindo: atotô, meu pai! [...]. (AMADO, 1978, p. 223).

.....
[...]. No meu folheto contei tudo direitinho, não perdi tempo nem bobagens. Não entreguei a alma do doutor a Satanás nem disse que Tereza ficou doida e se atirou no rio, conforme inventaram e escreveram. Contei a verdade e nada mais: para o doutor, morrer naquela hora, daquele jeito, foi uma bênção de Deus; o peso da morte ficou foi nos ombros de Tereza, peso mais ingrato.

Assim escrevi por assim pensar e entender, eu, Cuíca de Santo Amaro, o Tal, de fraque e chapéu-coco em frente ao Elevador Lacerda, mercando minha inspiração e minhas rimas. (AMADO, 1978, p. 280).

Jorge Amado mostra que a cultura popular não é criada do nada; não há uma originalidade anterior à sua criação, ou seja, há formações culturais fora do país que impulsionariam e dinamizaram através das relações de poder a cultura popular e brasileira. No trecho do romance destacado acima, nota-se que os orixás da mitologia africana foram incorporados a certas festividades locais que, nem por isso, deixaram de pertencer ao Brasil.

A pluralidade de religiosidade que a obra amadiana destaca refere-se aos cultos afro-brasileiros já pesquisados exaustivamente por Roger Bastide. Segundo Ortiz (1986), as práticas e mitos africanos são reatualizados na Bahia num processo que revivifica os rituais, os trajes e as danças dos orixás nos espaços sociais afro-brasileiros.

O culto aos orixás, à ancestralidade africana e o sincretismo religioso são aspectos importantes para a compreensão da cultura afro-brasileira que as obras

amadianas retratam. A própria Teresa Batista é representada como Iansã pelo narrador do romance. A defesa que nutria pela integridade física e moral das mulheres com seu gênio irrequieto, altivo, justiceiro e empreendedor angariava popularidade para a heroína tanto entre a gente do candomblé quanto entre as pessoas que conviveu durante sua trajetória no cabaré Paris Alegre, em Aracaju.

Sobre a nação de Tereza outras referências não posso lhe adiantar, não me consta fosse ela própria a Yansã; mabaça ou prima possa ser, seguindo nas águas do parente de Ogum. Quanto à vossa própria nação, meu graúdo, sem ir longe nem faltar à verdade, posso de logo enxergar a mistura principal: escuto sob a brancurada pele um ronco surdo de atabaques- o lorde é de nação dos mulatos claros também chamada dos brancos baianos, nação de primeiríssima lhe digo eu, Camafeu de Oxossi, obá de Xangô, estabelecido no Mercado Modelo, com a Barraca São Jorge, na cidade da Bahia, umbigo do mundo. (AMADO, 1978, p. 49).

Observa-se nas palavras do narrador a formação étnica de Teresa, bem como à recorrência ao termo nação³, ao mesmo tempo se referindo à etnicidade e ao local de origem, de nascimento.

Na expressão utilizada pelo narrador popular, à cidade da Bahia é metaforizada como “umbigo do mundo”, simbolizando a comunicação com outras partes do planeta e como um local central que serve de referência para outras sociedades. Portanto, mesmo apresentando essa consciência da identidade local associada à noção de povo, há um caminho para se chegar ao outro, sem contudo, adotar uma atitude xenófoba e ufanista.

Conforme Célia Pedrosa (1992), o termo nacionalismo apresenta um estatuto ambíguo. Denotando alguns significados ligados ao local de nascimento, à origem, à descendência e à idéia de povo, o nacionalismo literário tentou, ao longo da historiografia, demarcar os limites e as fronteiras entre particularidades e identidades. Para Pedrosa, a contemporaneidade não reflete a polissemia do termo nacionalismo, deixando de analisá-lo criticamente.

Em *Teresa Batista cansada de guerra*, a noção de fronteira política é tênue, ou seja, o narrador salienta que pela mistura de povos que ocorre na Bahia, é quase impossível distinguir os limites entre as capitais e, conseqüentemente, as distâncias culturais que possam existir entre as cidades.

³ Neste trecho, nação é um conceito utilizado já no século XVI pelos colonizadores portugueses para classificar os escravos traficados, geralmente acrescentando-se ao nome cristão do escravo a nação a ele atribuída. Presente no Brasil desde o século XVI, ainda no século XIX, encontramos o hábito de agregar o nome da região de procedência, ou da etnia a ele atribuída, ao nome cristão dos africanos e de seus descendentes. Maiores detalhes consultar Mello e Souza (2002).

Nas brenhas dão de barato um mascate nas amizades de Miquelina, bisavó de Tereza; quando digo mascate espero não ser preciso esclarecer tratar-sede árabe, sírio ou libanês, na voz geral tudo é turco. No sertão onde Tereza nasceu passa a divisa ficando por isso difícil saber quem é da Bahia, quem é de Sergipe [...]. (AMADO, 1978, p. 48).

Pensar em fronteira, como afirma Pedrosa (1992, p. 302), é “pensar a relação entre o Eu e o Outro [...]”. No trecho descrito, o narrador ainda mostra como não importa muito os limites físicos ou políticos, mas que “árabe, sírio ou libanês, tudo é turco”, estando estas denominações dentro do termo mascate.

Ao problematizar a discussão em torno do que é uma nação, Enesrt Renan (1997) admite que para tal conceituação não basta apenas demarcar limites físicos, fronteiras política e cultural, mas sim um desejo mais subjetivo de permanecer vivendo em comunhão, em coletividade. Assim, nação

[...] é pois uma grande solidariedade, constituída pelo sentimento dos sacrifícios que fizemos e daqueles que ainda estamos dispostos a fazer. Ela supõe um passado; resume-se, porém, no presente, por um fato tangível: o consentimento, o desejo claramente expresso de continuar a vida em comum. (RENAN, 1997, p. 40).

Teresa Batista em cada local que percorreu pelas capitais da Bahia e de Sergipe ou pelo sertão nordestino aprendeu a viver em solidariedade com os demais. Parece que a personagem se sentia como alguém imbuído de realizar funções que estivessem à serviço do bem-estar social do povo. Quando foi à região de Buquim, interior de Sergipe, auxiliou a população no controle da epidemia de varíola, conhecida na linguagem popular como “bexiga negra”.

Na luta para salvar os enfermos, Teresa abdicou de uma vida sedentária, transformando-se na verdadeira heroína do povo sofrido do interior sergipano.

A bexiga chegou com raiva, tinha gana antiga contra a população e o lugar, viera a propósito, determinada a matar, fazendo-o com maestria, frieza e malvadez, forte feia e ruim, bexiga mais virulenta. Antes e depois da peste, seis meses antes ou três anos depois, diz ainda o povo situando a divisão do tempo em calendário próprio, tomando como marco das eras de antes e depois o acontecimento terrível, o pavor solto e incontrolável, quem não se apavorou? Não se apavorou Tereza Batista, não demonstrando medo- se o sentiu, no peito o prendeu [...]. (AMADO, 1978, p. 187).

Assim, a saga de Teresa Batista se assemelha ao repertório de mulheres guerreiras da tradição medieval como Joana d’Arc cuja luta junto ao Exército francês angariou vitória para seu povo. Trazendo para o Brasil, temos a cearense Jovita Alves

que defendeu o Brasil na Guerra do Paraguai; a baiana Maria Quitéria na luta pela Independência da Bahia. Mulheres que participaram ativamente de lutas nacionais comprometidas com projetos sociais e políticos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso deste estudo revelou como a obra amadiana se insere nas discussões acerca da formação do povo brasileiro. Levando em consideração o pensamento mestiço de Gilberto Freyre, Jorge Amado reformula algumas concepções acerca de nação, povo e território, vislumbrando a importância de matrizes que fizeram parte da constituição da nação brasileira.

Portanto, na confluência de personagens, a própria Teresa Batista partilha experiências humanas da vida em coletividade. O grau de solidariedade que ela mantém com seus companheiros evidencia uma consciência de união que a torna mais humanizada e integrada ao meio. O nacional, dessa forma, se consubstancia num jogo entre identificações e identidades em que os indivíduos se tornam nacionais, ou seja, é o sentimento do “eu” como pertencente a um local, a um grupo.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Teresa Batista cansada de guerra*. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Dioniso & Cia. na moqueca de dendê: desejo, revolução e prazer na obra de Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

BOSI, Alfredo. Tendências contemporâneas. In: _____. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1990. p. 457-459.

GALVÃO, Walnice Nogueira. O ciclo da donzela-guerreira. In: _____. *Gatos de outros sacos: ensaios críticos*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 8-51.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Amado: respeitoso, respeitável. In: _____. *Saco de gatos: ensaios críticos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976. p. 13-22.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & Identidade nacional*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PEDROSA, Célia. Nacionalismo literário. In: JOBIM, José Luís (Org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 277-306.

PEREIRA, Elvya Shirley Ribeiro. *Armadilhas da utopia: Tocaia Grande e o não-lugar da nação*. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - I Colóquio Interamericano de Ciências da Comunicação: Brasil - Canadá, 2002, Salvador: Intercom, 2002. v. 1.

RENAN, Ernest. O que é uma nação? In: ROUANET, Maria Helena (Org.). Nacionalidade em questão. *Cadernos da Pós/Letras*, n. 19, Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In:____. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 29-48.

SOUZA, Marina de Mello e. Nação, etnia e composição de identidades. In:____. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei de Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 135-147.